



História da Educação no Rio Grande do Sul

25 anos de Asphe, entre memórias, trajetórias
e perspectivas

Volume II

Fernando Ripe [Org.]





História da Educação no Rio Grande do Sul: 25 anos de ASPHE, entre memórias, trajetórias e perspectivas

Volume II

Fernando Ripe (Org.)



© do autor
1ª edição 2021

Editoração: Giovana Letícia Reolon

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Universidade de Caxias do Sul
UCS – BICE – Processamento Técnico

H673 História da educação no Rio Grande do Sul [recurso eletrônico]: 25 anos de ASPHE, entre memórias, trajetórias e perspectivas / organizador Fernando Ripe. – Caxias do Sul, RS: Educs, 2021.
Dados eletrônicos (2 arquivo: volume 2).

ISBN 978-65-5807-112-9
Apresenta bibliografia.
Vários autores.
Obra em volumes.
Modo de acesso: World Wide Web.

1. Educação – Rio Grande do Sul – História. 2. Associações, instituições, etc. – História. I. Ripe, Fernando.

CDU 2.ed.: 37(816.5)(091)

Índice para o catálogo sistemático:

1. Educação – Rio Grande do Sul – História	37(816.5)(091)
2. Associações, instituições, etc. – História	374.73(091)

Catalogação na fonte elaborada pela bibliotecária
Ana Guimarães Pereira - CRB 10/1460.

Direitos reservados a:

EDUCS – Editora da Universidade de Caxias do Sul



Rua Francisco Getúlio Vargas, 1130 – Bairro Petrópolis – CEP 95070-560 – Caxias do Sul – RS – Brasil
Ou: Caixa Postal 1352 – CEP 95020-972 – Caxias do Sul – RS – Brasil
Telefone/Telefax: (54) 3218 2100 – Ramais: 2197 e 2281 – DDR (54) 3218 2197
Home Page: www.ucs.br – E-mail: educs@ucs.br

A revisão ortográfica desta obra é de responsabilidade dos autores e do organizador.

Acervo, Arquivo, Patrimônio, Museu: as palavras e seus mistérios no tempo dos eventos de um campo de estudos

*Vanessa Barrozo Teixeira Aquino
Maria Stephanou
Zita Possamai*

Tantas Palavras...

*Entre as memórias sempre existe aquela
Que se perdeu um dia no horizonte;
Não se verá descer àquela fonte
Nem o alvo sol nem a lua amarela.
Não achará tua voz o tom que o persa
Deu à sua língua de aves e de rosas,
Quando ao acaso, ante a luz dispersa,
Queiras dizer as coisas mais preciosas.*

Jorge Luís Borges, Limites, Poemas (1923-1943)

As reflexões que tecemos partem da presença/ausência de palavras preciosas para nós: acervo, arquivo, patrimônio, museu. Estão registradas como memórias, impressas nos títulos, resumos e palavras-chave em diversos Anais dos Encontros da Associação Rio-Grandense de Pesquisadores em História da Educação, entre os anos de 1997 e 2019. Nos propusemos inventariar e pôr o pensamento a pensar sobre alguns significados, ousamos garimpar e historiar.

As palavras falam, contam, omitem, revelam, dissimulam, causam ruídos... Graças às palavras, pronunciadas ou escritas, reencontramos a maneira pela qual determinados entendimentos, ou não, se fizeram e desfizeram de acordo com processos múltiplos na História.

Por vezes, processos inesperados ocorreram, ao acaso, talvez, um autor desconhecido passou a ser lido e ruminado, ou um evento internacional assistido foi inspirador, ou uma rede de pesquisadores

trocou referências e conceitos, enfim, uma proliferação discursiva disseminou expressões em um campo de estudos, que passou a incorporá-las ao léxico da área e à produção intelectual associada, expressas em títulos de publicações, ideias de problemas e objetos de pesquisa.

Adicionalmente, outras complexidades envolvem as palavras, que se tornam conceitos, categorias analíticas, essas e não outras (por quais motivos?), e irrompem com múltiplos sentidos. Quando sobressaem nos documentos que submetemos à leitura, tal como os anais de eventos da ASPHE, trazem consigo, ou provocam, novas interrogações: Por que foram escolhidas? O que buscam exprimir? São apenas mencionadas ou estruturam uma determinada análise? São palavras ao léu ou circunscrevem uma filiação teórica?

Não sejamos ingênuos, pois em matéria de palavras a ingenuidade pode ser escusa, mas nunca explicação. Mesmo o mais desatento escrevente, ou o mais performático autor, que se vale das palavras em voga para obter reconhecimento, todos tecem redes de sentidos quando associam ou justapõem determinadas palavras na construção dos argumentos de seus textos.

Mesmo nossos esforços de atribuir coerência e ordem, por vezes cronológica, à irrupção das palavras acervo, arquivo, patrimônio e museu, no percurso de 25 encontros da ASPHE, reconhecemos que serão insuficientes para que os murmúrios das palavras escolhidas para exprimir ideias simples ou muito elaboradas, sejam decifrados. Decorridos quase 23 anos desde o primeiro encontro da Associação, em 1997, já não é possível clarificar essas palavras em toda sua extensão e significação, e assim também seus textos se mostram com sentidos instáveis, lidos desde o presente. Palavras estão continuamente em processos de esvaziamento, ressignificação, desuso, irrupção inusitada.

Antes de prosseguir à análise dos achados que obtivemos quanto à presença das palavras e temáticas acervo, arquivo, patrimônio, museu, através da leitura dos anais dos encontros referidos, cumpre tecer duas considerações de fundo, de modo a explicitar alguns alertas sobre os limites e incompletudes, seja do próprio levantamento que realizamos, seja das reflexões que apresentamos a partir do mesmo.

Primeiro, concebemos que somos nós, autoras, que ocupamos o lugar de sujeito leitor, que classifica e isola palavras a partir de títulos e resumos para, então, por meio de nossa escrita, classificar e isolar noções de modo a atribuir um encadeamento temporal e uma coerência ao passado, no caso particular, o passado da pesquisa e escrita em História da Educação sob um recorte bem delimitado: a operação historiográfica de pesquisadores e estudantes participantes de encontros da ASPHE. Nosso risco consiste, nesse particular, em incorrer numa história “muito rapidamente dita” (FARGE, 2004, p. 90) acerca dos encontros e produção intelectual de uma comunidade de pesquisa.

Cada época produz a emergência de palavras alçadas a conceitos, e os processos ligados a muitos fatores de adoção ou desconhecimento desses conceitos na produção intelectual se perdem com o passar do tempo e tornam-se cifrados. Listá-los cronologicamente em inventários não autoriza a simplificar sua emergência histórica, ou supor que haveria um antes e um depois linear rumo a um uso ou sentido final que julgamos mais acertado. Como adverte Michel Foucault (1994, p.148), e vale para nosso fazer em história da educação, o mundo é uma “miríade de acontecimentos entrelaçados, [...] e a história é o conhecimento diferencial das energias e enfraquecimentos, das alturas e desmoronamentos”. Nossos usos das palavras, dos conceitos e categorias, assim como nossas preferências quanto às temáticas de pesquisa, são diferenciais, experimentam alturas e desmoronamentos, prestígios e desusos,

permissões e restrições, o que não significa que tenham perdido sua validade e capacidade analítica em determinados momentos e contextos de investigação. Acervo, arquivo, patrimônio, museu: energias e entrelaçamentos. Seus usos examinados retrospectivamente, como é o caso de nossas reflexões aqui, podem cumprir uma das funções essenciais da atividade científica: “fazer pensar” (BACHELARD, 1934).

Ora, ler o complexo no simples levantamento que efetuamos, nos leva à segunda ordem de considerações: o que significa deter-se em títulos e resumos como documentos de análise? Norma Ferreira (2002), em instigante artigo em que examina pesquisas que se caracterizam como “estado da arte”, aponta questões fundamentais que nos parecem pertinentes para pensar este capítulo. Segundo a autora, tais pesquisas se baseiam em “metodologia de caráter inventariante e descritivo da produção acadêmica e científica sobre o tema que buscam investigar, à luz de categorias e facetas que se caracterizam enquanto tais em cada trabalho e no conjunto deles” (2002, p. 258). Essas pesquisas, invariavelmente, deparam-se, desde os primeiros movimentos, com os limites da circunscrição dos achados a partir de títulos, palavras-chave e resumos, tal como nos sucedeu face aos anais dos 25 encontros da ASPHE.

Embora não tenhamos nos proposto a uma análise exaustiva, devido às limitações de tempo e disponibilidade limitada dos anais (Anais do 2º e do 6º Encontro não localizados; somente resumos em alguns encontros; resumos e textos completos em outros), é fato que decidimos, para além dos títulos das comunicações e palavras-chave indicadas pelo(s) autor(es), nos concentrar nos resumos. De imediato, passamos a listar algumas observações acerca dos mesmos em diferentes anos: (a) há uma acentuada heterogeneidade, por vezes devido ao nível de formação dos autores, desde estudantes de graduação, de pós-graduação, passando por pesquisadores juniores até

pesquisadores de longa trajetória, o que se expressa na linguagem e formulação dos textos dos resumos; (b) eles possuem uma diversidade no conjunto dos encontros, sobretudo em extensão quanto aos caracteres ou linhas, segundo definido pelos organizadores de cada evento; (c) não são, muitas vezes, objeto de elaboração mais cuidadosa, talvez pela natureza própria dos encontros que, diferente das teses ou eventos internacionais, por exemplo, com frequência caracterizaram-se por um grupo restrito de participantes, pela informalidade e proximidade entre pesquisadores seniores e seus orientandos e grupos de pesquisa; (d) os resumos, por vezes, mostram-se genéricos e com formulações que anunciam pesquisas a realizar ou em andamento e não propriamente sínteses de pesquisas concluídas, que permitiriam sintetizar o escopo geral, objetivos, recorte temporal, corpus documental, estratégia analítica, categorias de análise, conclusões. Nesse particular, podemos inferir que nos encontros havia espaço para debate de projetos e pesquisas em desenvolvimento, que recebiam várias sugestões nos grupos de trabalho, o que nos impõem muita cautela diante de afirmações quanto à adoção ou desatenção das palavras/categorias que examinamos na produção desses encontros da área.

Nossos achados consistem, portanto, na presença das palavras na textualidade dos resumos, o que não significa estender as constatações às pesquisas mais amplamente difundidas e aos repertórios conceituais ou bibliográficos das mesmas. As diferentes representações dos autores dos resumos acerca deste gênero discursivo, como assinala Ferreira (2002, p. 264), assim como os motivos das escolhas, recortes, omissões operados pelos resumos, devem-se a diferentes motivos que são, como sugere a autora, na maior parte das vezes desconhecidos do leitor, nominem-se aqui as autoras do capítulo. E Ferreira acrescenta: “há sempre a sensação de que a leitura a partir apenas dos resumos não dá a idéia do todo, a

idéia do que “verdadeiramente” trata a pesquisa”, ou ainda, a idéia de que se possa incorrer numa “leitura descuidada do resumo, o que significa uma classificação equivocada do trabalho em um determinado agrupamento”(2002, p. 266).

Impõe-se, assim, problematizar o alcance de quaisquer inventários da produção em contexto de eventos, e os limites de generalizações quanto às tendências, ênfases, na escrita de uma história de uma determinada área do conhecimento (FERREIRA, *Ibid.*). Nas palavras da autora e nos entremeios que inserimos, os resumos permitem, “quando muito, escrever **uma** das possíveis Histórias, construída a partir da leitura de resumos” (2002, p.269, grifo da autora). E ainda, haverá **tantas** Histórias quanto leitores [dos anais da Asphe] houver dispostos a lê-los” (FERREIRA, 2002, p. 269, grifos da autora).

Nosso objetivo consiste em apresentar o levantamento que efetuamos acerca da presença e frequência das palavras – acervo, arquivo, patrimônio, museu – que comparecem nos títulos de trabalhos, palavras-chave e resumos que constam nos Anais dos Encontros da Associação Sul-Rio-Grandense de Pesquisadores em História da Educação, elaborados entre 1997 e 2019. Foram analisados os anais de 23 encontros¹.

Nosso exercício de inventário aponta uma perspectiva de conjunto dos títulos/resumos/palavras-chave dos encontros, que não pode ser concebida como unitária e linear face aos alertas antes expostos. Mesmo assim, possibilita conhecer alguns movimentos

¹ Até 2019, a ASPHE organizou 25 Anais dos Encontros. O suporte de leitura dos mesmos foi a tela do computador, porque as pesquisadoras tiveram acesso ao conjunto disponibilizado no Repositório Digital Tatu, um repositório de História da Educação vinculado à Universidade Federal do Pampa. Registramos que submetemos à leitura 23 anais, uma vez que não constam no repositório os anais do 2º e do 6º Encontro, os quais não encontramos em outros suportes no tempo limitado de pesquisa para esse capítulo.

teórico-metodológicos que incorporaram determinados conceitos e análises àquelas pesquisas anunciadas, comunicadas e discutidas no âmbito de encontros caracterizados pela atuação de uma determinada comunidade de História da Educação. Sobretudo, possibilita algumas descobertas e discussões provocadas pelo reconhecimento de grupos de pesquisa que em determinados momentos mostraram-se cada vez mais atentos às questões de salvaguarda e de preservação documental.

Para comunicar nossos achados e reflexões, buscamos sistematizar a presença de certas palavras, que por vezes apontam interlocuções e aproximações da História da Educação com outras áreas do conhecimento, e que nos levaram a perceber alguns marcos que delimitam a emergência de novos objetos de estudo e dinâmicas de pesquisa no decorrer dos 23 encontros [considerando a não localização dos anais de dois encontros], que representam itinerários sinuosos de 22 anos.

Letras, palavras & algarismos

*Con tres palabras
Te diré todas mis cosas,
Cosas del corazón
Que son preciosas.
(...)*

*Son tres palabras,
Solamente mis angustias,
Y esas palabras son:
Cómo me gustas.*

Tres palabras, Gilberto Gil, 2012, grifos nossos.

O ponto de partida de nossa incursão pelos anais dos encontros reside em um levantamento realizado a três, através da leitura desses anais tal como aparecem em formato digital, disponíveis no Repositório Tatu (UNIPAMPA). Como referimos antes, buscamos uma mirada geral e as incidências da presença das palavras acervo,

arquivo, patrimônio, museu quando elencadas nos títulos e palavras-chave (quando disponíveis) ou ainda, quando figuravam nos resumos das comunicações apresentadas. Logo que nos deparamos com a extensão dos textos dos anais e sua heterogeneidade, conforme abordamos anteriormente, optamos por nos circunscrever aos títulos e resumos, bem como à delimitação do léxico, o que nos fez declinar de um mapeamento de outras palavras que poderiam vir a ser incluídas, como banco de dados, centro de memória/memorial, catálogo, álbum. Os dados que obtivemos no levantamento podem ser observados no quadro 1, que segue abaixo.

Quadro 1 – Incidência dos termos – acervo, arquivo, patrimônio, museu – em títulos e resumos dos Anais dos Encontros da ASPHE (1997 a 2019)

Ano	Encontro	Resumos	Museu	Patrimônio	Acervo	Arquivo
1997	1º					
1997	2º	Não localizado				
1998	3º					
1998	4º					
1999	5º					
2000	6º	Não localizado				
2001	7º	1	--	--	--	1
2002	8º	-	--	--	--	--
2003	9º	-	--	--	--	--
2004	10º	1	--	--	--	1
2005	11º	--	--	--	--	--

Ano	Encontro	Resumos	Museu	Patrimônio	Acervo	Arquivo
2006	12°					
2007 + mesas	13°	8	3		5	
2008	14°	2			1	1
2009	15°	2	1		1	
2010	16°	2	1	1		
2011	17°	6	3		3	
2012	18°	10	4	2	3	1
2013	19°	8	4		4	
2014	20°	5	5			
2015	21°	7	3		4	
2016	22°	4			4	
2017	23°	6	1		3	2
2018	24°	9	2		4	3
2019	25°	2			1	1
Totais	25	73	27	3	33	10

Fonte: Elaboração das autoras, a partir dos Anais dos Encontros da Associação Sul-Rio-Grandense de Pesquisadores em História da Educação de 1997 até 2019 disponíveis no Repositório Tatu (UNIPAMPA)

Observamos que as palavras buscadas começam a aparecer nos resumos publicados no ano de 2001, com uma única comunicação sobre arquivo; nos anos de 2002 e 2003 não há incidência e no ano de 2004 volta a presença de um único termo, arquivo. Novamente nos

anos de 2005 e 2006 não há incidências e no ano de 2007, constatamos um aumento considerável com a presença das palavras de nossa busca em oito resumos, sendo em cinco resumos a palavra acervo e em três o vocábulo museu, além dos debates nas mesas-redondas sobre a temática “Guardar para mirar: Acervos e História da Educação” do 13º encontro, cujos textos não foram publicados nos Anais, mas na Revista História da Educação².

Nos dois anos seguintes, identificamos quatro ocorrências das palavras inventariadas, a saber: uma em 2008 com a palavra acervo e uma sobre arquivo e, em 2009, um resumo que inclui a palavra museu e um que refere acervo. No ano de 2010, dois trabalhos versam sobre patrimônio e museu. Nos dois anos seguintes, observamos um aumento considerável no número de ocorrências: em 2011, estão publicados três resumos em que consta acervo e mais três em que aparece museu, num total de seis textos; em 2012, computamos quatro menções a museus, além de duas ocorrências para a palavra patrimônio, três para acervo e uma para arquivo, totalizando dez aparições. Nos anos 2013 e 2014 as incidências se concentram na temática museu: no primeiro ano, estão publicados quatro resumos com o uso da palavra e quatro incluem acervo (oito ocorrências). No ano subsequente, cinco textos abordam exclusivamente a temática museu. Entre 2015 e 2018, as incidências recaem na palavra acervo:

² As conferências do 13º Encontro e uma palestra que integrou a Mesa Redonda 2 – Guardar para mirar: acervos privados, foram publicadas no Vol. 12, número 25, maio/agosto de 2008 da Revista História da Educação. A saber: a conferência proferida pela Profa. Dra. Marcia de Paula Gregorio Razzini (USP) intitulada “Acervos e pesquisas em história da educação: das vitrines do progresso aos desafios da conservação digital”; a conferência proferida pela Profa. Dra. Maria da Glória Bordini, “Memórias de formação do escritor no acervo literário de Érico Veríssimo” e a palestra proferida pela Profa. Dra. Maria Teresa Santos Cunha (UDESC), “Essa coisa de guardar: homens de letras e acervos pessoais”. Os artigos estão disponíveis em: <https://seer.ufrgs.br/asphe/issue/view/1261/showToc>.

em 2015, identificadas quatro ocorrências para acervo e três para museu, perfazendo sete achados; em 2016, quatro textos referem exclusivamente acervo; em 2017, de um total de seis textos, três escolhem acervo, enquanto dois utilizam arquivo e um adota museu; em 2018, de um total de nove ocorrências, há duas presenças para museu, quatro para acervo e três para arquivo. Por fim, para o ano de 2019, consta uma expressiva redução da presença das palavras acervo, arquivo, patrimônio, museu: apenas um emprego de acervo e uma ocorrência de arquivo dentre os resumos apresentados no encontro.

Quando observamos o conjunto de ocorrências para cada palavra buscada é interessante analisar que, no período examinado, identificamos a presença de um total de 73 menções, sendo destas 27 que contemplam museu, três que empregam patrimônio, 33 com a palavra acervo e dez que registram arquivo. Tais constatações merecem uma análise mais detida e algumas hipóteses podem ser lançadas.

A significativa incidência da palavra acervo (34 aparições, entre 73 escritos) permite conjecturar uma certa indefinição terminológica da História da Educação, não alinhada ao léxico que identifica o campo disciplinar da Museologia e da Arquivologia, cujas correspondências aparecem nos termos museu e arquivo respectivamente. Os dicionários da língua portuguesa Aurélio e Houaiss informam a origem latina (*acervu*) do termo e associam acervo a “montão”, “acumulação”, “quantidade”, “conjunto de bens”, “patrimônio”, “riqueza”, “fundo”, e parcamente colaboram em precisar a significação do termo, melhor dito, atribuem uma dimensão de generalidade que a palavra comporta, pois, conforme Zita Possamai, acervo:

De modo circunscrito, designa o conjunto de bens que integram o patrimônio de um indivíduo, de uma instituição ou de uma nação. Sem correspondente literal

nos idiomas francês, espanhol ou inglês, esse termo aparenta ser uma denominação genérica em língua portuguesa para o vocábulo coleção, mais comum nesses idiomas e também existente na língua de Camões. Seguindo esse amplo espectro, é comum associá-lo a uma adjetivação que delimite o conjunto de obras ou bens a serem denominados, tais como, acervo histórico, acervo documental, acervo artístico, acervo museológico, acervo arquivístico, acervo arquitetônico, acervo audiovisual, acervo fotográfico, acervo arqueológico, acervo paleontológico, acervo bibliográfico, acervo jornalístico, entre inúmeras outras possibilidades [...] (POSSAMAI, 2020, p. 47).

Podemos ainda sugerir que os acervos pesquisados pelos participantes dos encontros da ASPHE não se vinculem necessariamente a uma instituição, seja a um museu, seja a um arquivo, cujos parâmetros técnico-científicos contemplariam termos mais precisos, como coleção ou fundo. Os títulos e resumos indicam que as pesquisas apresentadas contemplam sobretudo documentos escritos, visuais ou mesmo materiais, em geral reunidos pelos pesquisadores e grupos de pesquisa, que constituem acervos diretamente vinculados a seus objetos de investigação, tais como coleções de cadernos escolares, conjuntos de livros didáticos, de fotografias, periódicos, diários, imagens, etc. Esses conjuntos reunidos nas residências, nos gabinetes de pesquisadores ou salas de grupos de pesquisa, muitas vezes podem ter se mantido como documentação de uso restrito quando finalizado o projeto de pesquisa ou a dissertação/tese, ou podem ter se configurado em centros de documentação geradores de uma multiplicidade de novas pesquisas.

O engajamento pela salvaguarda de registros do passado da educação, seja no Rio Grande do Sul, seja em Santa Catarina, transparece em vários dos resumos publicados nas ocorrências do termo acervo. Estes, abordam as problemáticas da reunião, do acondicionamento, da organização, da documentação, da conservação,

da exposição e da disponibilização em meios físicos e digitais dos repertórios acumulados em centros e núcleos mencionados. Nesse sentido, podemos, em alguma medida, acompanhar os primeiros passos, as iniciativas e o desenvolvimento de ações que proporcionaram o estabelecimento e a consolidação institucional de relevantes grupos e centros de documentação sobre a história da educação nesses dois estados.

Nesse movimento, além das práticas e de categorias inspiradas ou tomadas de empréstimo de outros campos, noções e conceitos foram apropriados para melhor manejo da preservação documental. Assim, as problemáticas vinculadas à noção de documento, à memória social, à cultura material escolar e à patrimonialização desses acervos aparecem contempladas nesses escritos.

Destacamos, por sua vez, o 13º Encontro da ASPHE – Guardar para mirar: Acervos e História da Educação (Figura 1), organizado pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2007), como o primeiro evento da Associação que lança uma atenção mais densa à temática dos Acervos em intersecção com a História da Educação. No âmbito do encontro, que apresenta-se como acontecimento ímpar na trajetória de encontros da ASPHE, mencionamos a realização de duas conferências sobre a temática e de quatro mesas redondas que buscaram abordar aspectos multifacetados de diferentes tipos de acervos, a saber: Mesa 1: Guardar para mirar: acervos de livros escolares e cartilhas, com a participação da Profa. Dra. Eliane Peres (UFPEL), Profa. Dra. Iole Faviero Trindade (UFRGS), Prof. Dr. Jorge Luiz da Cunha (UFSM) com mediação da Profa. Dra. Márcia Razzini (USP); Mesa 2: Guardar para mirar: acervos privados, com exposições da Profa. Dra. Maria Teresa Santos Cunha (UDESC) e da Profa. Dra. Maria Helena Menna Barreto Abrahão (PUCRS) tendo como debatedora a Profa. Dra. Beatriz T. Daudt Fischer (UNISINOS); Mesa 3: Guardar para mirar:

acervos variados, integrada pelas intervenções do Prof. Dr. Elomar Tambara (UFPel), Prof. Dr. Lúcio Kreutz (UCS) e Profa. Dra. Berenice Corsetti (UNISINOS) com mediação da Profa. Dra. Maria Stephanou (UFRGS) e, por fim, a Mesa 4: Guardar para mirar: memórias e acervos de instituições escolares, composta pelas palestrantes Profa. Dra. Flavia Obino Corrêa Werle (UNISINOS), Profa. Dra. Giana Lange do Amaral (UFPel), Profas. Ma. Giani Rabelo e Marli de Oliveira Costa ambas da UNESC, com a mediação da Profa. Dra. Maria Helena Camara Bastos (PUCRS).

Figura 1 – Capa dos Anais do 13º Encontro Sul-Rio-Grandense de Pesquisadores em História da Educação



Fonte: Repositório TATU – UNIPAMPA. Disponível em:
<http://sistemas.bage.unipampa.edu.br/tatu/index.php/asphe-anais-encontros/>

Julgamos significativo ressaltar a presença de grupos e núcleos de pesquisa atuando diretamente com acervos nas universidades do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina, não apenas no âmbito da pesquisa histórica, mas engajados em diversas ações de salvaguarda e preservação de uma diversidade de elementos da cultura material escolar, de modo a reunir, documentar, conservar, organizar e divulgar espaços de memória em suas instituições. Nessa perspectiva, ressaltamos as exposições de pesquisadores nas mesas redondas do 13º encontro, como a fala do Prof. Dr. Jorge Luiz da Cunha sobre o Núcleo de Estudos sobre Educação e Memória – CLIO, fundado em 1996 junto ao Centro de Educação da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) e do Prof. Dr. Elomar Tambara sobre o Centro de Estudos e Investigações em História da Educação (CEIHE) vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da Faculdade de Educação (FaE), Universidade Federal de Pelotas (UFPel) com um percurso que inicia no ano 2000 como centro de pesquisa e de documentação. Outro grupo que integra esse movimento de organização de acervos em História da Educação e que participa deste evento é o HISALES – História da Alfabetização, Leitura, Escrita e dos Livros Escolares também do PPGE/FaE/UFPel, fundado em 2006 e sob a coordenação da Profa. Dra. Eliane Peres. Em Santa Catarina, temos o Centro de Memória da Educação do Sul de Santa Catarina – CEMESSC, coordenado pelas Professoras Dra. Giani Rabelo e Dra. Marli de Oliveira Costa, da Universidade do Sul de Santa Catarina, e em Florianópolis, o Museu da Escola Catarinense, em seus primeiros anos coordenado pela Professoras Maria da Graça Vandresen e Dra. Vera Lúcia Gaspar da Silva, da Universidade do Estado de Santa Catarina.

Outra característica com relação à palavra acervo que identificamos em nosso levantamento, sobretudo, a partir da leitura dos resumos, é que esta tem seu uso vinculado a diferentes tipos de

conjuntos documentais, acervos institucionais, escolares ou não, de instituições públicas e privadas, também instituições culturais, como bibliotecas, museus e memoriais, e de outra parte, também constam estudos que se voltam aos acervos pessoais, produzidos ao longo da vida de sujeitos que guardam relações com a educação, como professores, estudantes, educadores em geral, clérigos, intelectuais, artistas, escritores e escritoras, militantes sociais, entre outros.

Ainda na perspectiva dos acervos, podemos destacar a presença da palavra arquivo nos resumos de diversos encontros. O termo arquivo aparece relacionado aos arquivos pessoais de docentes e discentes, aos arquivos escolares – tratando em específico dos conjuntos documentais de instituições de ensino e também no âmbito dos arquivos institucionais de caráter público e privado, a saber: o Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul (Porto Alegre, RS), o Arquivo da Faculdade de Educação da UFRGS (Porto Alegre, RS), o Arquivo do Instituto Cultural Judaico Marc Chagall (ICJMC) (Porto Alegre, RS), o Arquivo Histórico Antonio Stenzel Filho (Osório, RS) e o Arquivo Geral da Universidade Federal do Rio Grande (FURG – Rio Grande, RS).

Os termos acervo e arquivo por vezes se misturam e em alguns casos acabam sendo utilizados erroneamente como sinônimos, fato que está diretamente vinculado à escassa apropriação dos referenciais teórico-metodológicos da Arquivologia, área do conhecimento responsável pelo tratamento técnico, organização e preservação de documentos de arquivo (BELLOTTO, 2004). Nessa especialidade, compreende-se o conceito de arquivo como sendo “[...] um conjunto de documentos produzidos e recebidos no decurso das ações necessárias para o cumprimento da missão predefinida de uma determinada entidade coletiva, pessoa ou família” (RODRIGUES, 2006, p. 105).

No conjunto dos resumos dos encontros observamos, ainda, que a menção à palavra arquivo possibilita identificar movimentos investigativos realizados por diversos pesquisadores: por vezes utilizam os arquivos pessoais ou institucionais como objeto de estudo; em outros estudos, lançam suas análises sobre algum fundo documental específico no Arquivo consultado ou lançam olhares e leituras acerca dos arquivos escolares, neste caso, com ênfase na importância da documentação preservada ou na urgência de salvaguardar essa documentação.

A presença da palavra patrimônio, por sua vez, guarda a polissemia que subjaz à palavra/conceito. Partindo das reflexões de Ulpiano Bezerra de Meneses (2012, p. 38) podemos compreender patrimônio como um campo “ eminentemente político ” e de acordo com as discussões propostas por José Reginaldo Gonçalves (2003) podemos considerar patrimônio como uma categoria de pensamento que se molda em contextos históricos e culturais distintos. Segundo o autor:

“ Patrimônio ” está entre as palavras que usamos com mais frequência no cotidiano. Falamos dos patrimônios econômicos e financeiros, dos patrimônios imobiliários; referimo-nos ao patrimônio econômico e financeiro de uma empresa, de um país, de uma família, de um indivíduo; usamos também a noção de patrimônios culturais, arquitetônicos, históricos, artísticos, etnográficos, ecológicos, genéticos; sem falar nos patrimônios intangíveis [...] Parece não haver limite para o processo de qualificação dessa palavra (GONÇALVES, 2003, p. 21-22).

O aspecto da patrimonialização dos acervos é mencionado em resumos que praticamente circunscrevem essa dimensão nas três referências ao termo patrimônio. Numa segunda acepção, observamos que patrimônio caracteriza e qualifica os acervos das instituições escolares, a ponto de estar adjetivado e expresso como *patrimônio*

escolar ou *patrimônio cultural escolar*. Nesse sentido, a apropriação do vocábulo patrimônio por historiadores e historiadoras da educação difere dos estudos clássicos sobre o tema que o vinculam especialmente ao conjunto edificado e à preservação efetivada por agências do Estado. Nos anais, patrimônio caracteriza e qualifica especialmente os registros de tempos pretéritos da educação, seja de instituições escolares, seja do preservado em museus e memoriais. Por outro lado, os resumos expressam um não alinhamento com as noções de *patrimônio educativo* ou *patrimônio histórico-educativo*, utilizadas no Brasil e em outros países³, conceitos que aprofundam a compreensão da cultura material e imaterial escolar como objeto de estudo, incluindo experiências museológicas e arquivísticas com esse patrimônio (ESCOLANO BENITO 2010; ALVARÉZ DOMINGUÉZ, 2020). Nessa perspectiva cabe destacar que as discussões sobre cultura material escolar que integram a produção ibero-americana no âmbito da História da Educação “vem associadas à concepção de patrimônio histórico-educativo, da intervenção museológica e da reconstrução etnográfica da memória educativa” (VIDAL, 2017, p. 51). Segundo a formulação de Pablo Alvaréz Dominguéz:

El patrimonio histórico educativo es un bien que debe ser mostrado públicamente para que pueda ser observado y examinado por todos/as. Salvarguardar, construir y comunicar los valores de la memoria educativa no es un mero rictus nostálgico; es más si cabe, una actitud de responsabilidad pública. Y en este momento, es necesario reivindicar la incorporación del patrimonio educativo a la conceptualización del denominado patrimonio cultural, ampliándose así la reduccionista exclusivización centrada desde antaño en el orden artístico y monumental, más concretamente (2020, p. 15-16).

³ Destacamos a produção ibero-americana, com atenção especial para as produções socializadas pela Rede Iberoamericana para a Investigação e a Difusão do Patrimônio Histórico Educativo (RIDPHE), rede que reúne diversos pesquisadores, incluindo membros da ASPHE.

Mesmo com pequena frequência de títulos ou resumos que adotam o termo patrimônio na trajetória dos encontros da ASPHE, sendo o termo com menor recorrência, identificamos o movimento realizado pelo 24º Encontro realizado em 2018, na UNISINOS, que teve como tema central “História da Educação: sensibilidades, patrimônio e cultura escrita” (Figura 2) e contou com um simpósio temático intitulado “Patrimônio Educativo e Cultura Escolar”, coordenado pela Profa. Dra. Terciane Luchese (UCS). Todavia, em nenhum dos títulos ou resumos de trabalhos aprovados para apresentação nesse simpósio constam os termos patrimônio, patrimônio educativo ou patrimônio histórico-educativo.

Figura 2 – Capa dos Anais do 24º Encontro Sul-Rio-Grandense de Pesquisadores em História da Educação



Fonte: Repositório TATU – UNIPAMPA. Disponível em:
<http://sistemas.bage.unipampa.edu.br/tatu/index.php/asphe-anais-encontros/>

Para abordar as ocorrências da palavra museu, partimos de três conjuntos identificados a partir de ênfases distintas e suas respectivas derivações: (a) pesquisas sobre museus de educação (museus escolares, pedagógicos ou que preservam repertórios ligados exclusivamente à escola e ao ensino); (b) pesquisas sobre museus de tipologias variadas, tais como museus de história, museus universitários, museus de ciências, museus de arte, entre outros e, finalmente, (c) aqueles textos que mencionam diálogos possíveis entre Museologia e História da Educação.

Quanto ao primeiro conjunto, entre os resumos que concernem aos estudos sobre museus pedagógicos, museus escolares e outras tipologias vinculadas diretamente à educação, os estudos mostram-se diversos: listagens, levantamentos e apreciações quanto à organização e às potencialidades desses espaços ainda existentes nas escolas. Os resumos das comunicações mencionam, particularmente, as seguintes instituições: Museu da Cartilha do Instituto de Educação General Flores da Cunha (Porto Alegre, RS), Museu da Escola Catarinense da Universidade do Estado de Santa Catarina (Florianópolis, SC), Museu Pedagógico Colombiano, Memorial do Colégio Farroupilha (Porto Alegre, RS), Museu Anchieta (Colégio Anchieta, Porto Alegre, RS), Museu do Instituto São José (UNILASALLE, Canoas, RS), Núcleo de Memória Eng^o Francisco Martins Bastos (NUME – FURG, Rio Grande, RS), dentre outros.

As abordagens contemplam reflexões sobre a presença e a necessidade de valorização e divulgação desses espaços; a importância e os fundamentos teóricos e metodológicos de projetos de implantação; as vinculações desses espaços com a memória da instituição escolar ou com o ensino das diversas disciplinas do currículo; as práticas de recuperação, de conservação, de valorização e de divulgação dos guardados de tempos pretéritos, sobretudo, da instituição escolar, entre outras possibilidades. Em alguns casos,

porém, o museu é tão somente mencionado como lugar de guarda de um *corpus* documental analisado pela pesquisa.

Outros resumos sinalizam tratar-se de pesquisas que abordam especificamente a história de determinados museus de educação, denominados como museus escolares ou museus pedagógicos, e criados a partir do século XIX em diversos países e no Brasil. Outros estudos, por sua vez, indicam o desenvolvimento de análises acerca da presença da temática museu escolar em publicações que circularam no meio escolar no passado, como a revista *O Estudo* ou a *Revista do Ensino*, quando há uma especial atenção ao método intuitivo e lições de coisas. Outros resumos, ainda, indicam imersões diversas em documentação institucional preservada e acessível para elaborar uma narrativa histórica da instituição museológica.

Alguns trabalhos explicitam o empenho em estabelecer diálogos com a produção historiográfica brasileira e transnacional acerca dos museus e os inscrevem, como museus de educação, em um movimento mais amplo, em especial no novecentos, ao lado dos museus de História Natural, tipologia de alguns dos museus de escola estudados pelas comunicações apresentadas nos encontros. Ainda, na perspectiva histórica dos museus de educação, há resumos que abordam as relações entre essas instituições e a Instrução Pública, por exemplo no que concerne à aplicação do método intuitivo nas escolas, quando o Museu do Estado do Rio Grande do Sul (1903-1925) colaborou com o sistema estadual de ensino na confecção de caixas didática para o ensino de lições de coisas.

O segundo conjunto mencionado, resumos sobre museus diversos, expõem os museus na perspectiva da História da Educação, ou em outras palavras, afirmam que enquanto tal, estas instituições se configuraram, desde o seu surgimento, a partir de seu expressivo caráter pedagógico. Diálogos entre História da Educação e História Cultural propõem que os museus são objetos de estudo intimamente

conectados com a educação, espaços educativos privilegiados nos quais os objetos são institucionalizados como documentos e nos quais são (re)produzidas representações e práticas sobre o passado e sobre a história. Consta, nessa direção, uma variedade de abordagens, tais como: curadorias compartilhadas de exposições; educação em museus; visitas escolares a museus; organização de cursos para professoras sobre museu; configuração de coleções e museus em sítios históricos; biografia das coisas; percurso museal de coleções e objetos; sujeitos, intelectuais e agentes do campo museal e educacional; coleções de povos indígenas; entre outras possibilidades. Alguns dos museus mencionados nesses escritos são: Museu Júlio de Castilhos (RS), Museus da UFRGS, Museu Histórico Nacional (RJ), Museu das Missões (RS), Museu de Arte do Rio Grande do Sul (MARGS), Museu de Arte Leopoldo Gotuzzo (Pelotas, RS) e Núcleo de Memória Eng^o Francisco Martins Bastos (NUME/FURG, Rio Grande, RS).

Ainda nesse espectro, identificamos resumos que examinam uma história da educação em museus, anunciando que investigam as particularidades dessa função nos museus ou analisam a relação entre os museus e a educação, particularmente as instituições escolares, a exemplo do Curso de Organização de Museus Escolares oferecido pelo Museu Histórico Nacional, a pedido do Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos (INEP), nos anos 1950, às professoras brasileiras.

Quanto ao terceiro conjunto referido sobre resumos & museu, observamos que há textos que enfatizam a importância do diálogo entre Museologia e História da Educação, tendo em vista que a primeira disciplina oferece os aportes teóricos e metodológicos para a adequada preservação dos registros documentais, escritos, materiais ou audiovisuais, do passado da educação, matéria prima da História da Educação, no presente. Vale ressaltar que, nesse conjunto, a

Museologia não só está em intersecção com o termo *museu*, mas também com acervo e *patrimônio*. Por outro lado, comparece mais ou menos explícita, a necessidade de a Museologia conhecer uma tipologia museológica ainda estranha a seu campo, bem como reconhecer os museus de educação como lugar de atuação profissional muito bem-vinda para os museólogos.

Arremates possíveis

Os resumos publicados nos Anais dos Encontros da ASPHE podem ser pensados como indícios de um tempo escoado da produção intelectual em História da Educação, circunscrito a uma comunidade de pesquisadores e estudantes situada num espaço específico e datada em um percurso de mais de vinte anos. A leitura que operamos, também é contingente e provisória, assim como os exercícios de pensamento que registramos como texto, escrito a três, nas dobras dos tempos de pandemia, encontros virtuais, leituras na tela do computador, saudades do que ainda está por vir, percursos à beira de falésias de nossa democracia. Viver e pensar exige coragem, assunção da provisoriedade e da incompletude. Quiçá o exercício que produzimos possa representar tão somente o ponto de partida para imersões mais intensas e extensas acerca dos encontros da ASPHE e dos anúncios e realizações das pesquisas que os eventos lograram reunir e discutir. Os anais não repercutem os questionamentos, os murmúrios das indagações, as sugestões formuladas, as mudanças de rota ou as confirmações que as exposições orais nos grupos de trabalho suscitaram. São um instante apenas, congelado em linhas, e ainda assim instáveis porque sujeitos a muitas leituras e atribuições de sentidos.

Para nossa grata surpresa, arquivo, acervo, patrimônio, museu, tiveram lugar, foram registrados, frequentaram os horizontes de pesquisa e reflexão. Tão diversos e cifrados quanto os tempos decorridos. As incompletudes e imprecisões do levantamento que

realizamos e os limites impostos pelo gênero discursivo resumo, como abordamos antes, representam efetivamente obstáculos epistemológicos consideráveis e implicam afirmar que aqui não produzimos uma radiografia do campo da História da Educação, não apontamos lacunas ou supremacia de correntes teóricas, não resgatamos verdades do passado para afirmar a hegemonia de áreas do conhecimento ou grupos de pesquisa. Lançamos nossas leituras, olhares, inquiuições, algumas polêmicas e guardamos muitas dúvidas: poderemos alcançar uma ideia do todo lendo resumos? Que outras histórias possíveis poderemos escrever a partir dos textos que nomeamos como anais dos Encontros? Quais circunstâncias emaranhadas presidiram a escrita dos resumos, a escolha dos títulos e mesmo o desenvolvimento das pesquisas que comunicam ou anunciam?

Malgrado alguma imprecisão metodológica ou arbitrariedade das reflexões que formulamos brevemente neste capítulo, se nos voltarmos a revisitar os resumos dos encontros da Associação, como afirma Stephanou em um editorial da revista da ASPHE, “saberemos muito de nós. Saberemos algo dos movimentos que palpitarão e ainda palpitarão no campo da historiografia da educação, [...] nas associações científicas da área, nos itinerários descontínuos de grupos de pesquisa e pesquisadores” (STEPHANOU, 2018, p. 2).

Sem a pretensão de esgotar as reflexões e análises acerca das escolhas, significados e repercussões das palavras arquivo, acervo, patrimônio, museu, que nos interessaram acompanhar nesse capítulo, lançamos um olhar ao que já foi produzido com o desejo de que pesquisas e problematizações futuras amplifiquem ainda mais as interlocuções e os diálogos que julgamos absolutamente profícuos entre a História da Educação e as áreas do conhecimento nas quais essas palavras orbitam. A História da Educação pode deixar-se afetar, e mesmo vibrar, pelo léxico expressivo de outras áreas, pois terá muito a ganhar e poderá dar novos sentidos às suas ideias, práticas e contribuições como campo de estudos da História.

Referências

- ALVARÉZ DOMINGUEZ, Pablo. Museos pedagógicos universitarios en ciudades educadoras del tiempo presente: divulgación del patrimonio histórico educativo. In: **Tempo & Argumento**, Florianópolis, v. 12, n. 31, set./dez. 2020.
- Anais dos Encontros da Associação Sul-Rio-Grandense de Pesquisadores em História da Educação. UNIPAMPA. **Repositório Digital Tatu**. Repositório Digital de História da Educação. Disponível em: <http://sistemas.bage.unipampa.edu.br/tatu/index.php/asphe-anais-encontros/>
- BACHELARD, Gaston. O Novo Espírito Científico [1934]. *Os Pensadores*. São Paulo: Abril Cultural; Victor Civita Editor, 1974. p. 249-257.
- BELLOTTO, Heloisa L. **Arquivos permanentes. Tratamento documental**. Rio de Janeiro: FGV, 2004.
- ESCOLANO BENITO, Augustín. Patrimonio material de la escuela e historia cultural. In: **Revista Linhas**, vol. 11, n.º 2, p. 13-28, 2010.
- FERREIRA, Norma Sandra de Almeida. As pesquisas denominadas “estado da arte”. **Educação & Sociedade**, ano XXIII, n.79, Agosto/2002. p.257-272.
- FOUCAULT, Michel. **Dits et écrits**. Édition de Daniel Defert, François Ewald e Jacques Lagrange. Paris: Gallimard, 1994. v.2.
- GONÇALVES, José Reginaldo S. Patrimônio como categoria de pensamento. In: **Memória e Patrimônio: ensaios contemporâneos**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003, p. 21-29.
- MENESES, Ulpiano B. O campo do patrimônio cultural: uma revisão de premissas. In: **Anais do I Fórum Nacional do Patrimônio Cultural: Sistema Nacional de Patrimônio Cultural: desafios, estratégias e experiências para uma nova gestão**, Ouro Preto/MG, 2009/Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Brasília, DF: Iphan, 2012, p. 25-39.
- POSSAMAI, Zita R. Patrimônio e acervo. In: CARVALHO, Aline, MENEGHELLO, C. **Dicionário temático de patrimônio: debates contemporâneos**. Campinas: Ed. UNICAMP, 2020. p. 47-49.
- RODRIGUES, Ana Márcia L. A teoria dos arquivos e a gestão de documentos. In: **Perspect. ciênc. inf.**, Belo Horizonte, v.11 n.1, jan./abr. 2006, p. 102-117.
- STEPHANOU, Maria. O passado sabe muito de nós: labirintos da operação historiográfica. **História da Educação** (On-line), Porto Alegre, v.22, n. 55, maio/ago. 2018. p. 01-06.
- VIDAL, Diana G. História da educação como arqueologia: cultura material e escolarização. In: **Investigar, intervir e preservar em História da Educação**. CITCEM, 2017, p.45-62.